

## CUSTO E ALAVANCAGEM

*Carlos Honorato, outubro/2015.*

A sobrevivência e a própria prosperidade em períodos de crise econômica e política como a que estamos vivendo é relativamente fácil se os indivíduos e as organizações entenderem alguns conceitos básicos, tais como custos e alavancagem financeira.

Quanto aos custos: em períodos de estabilidade econômica-política, as pessoas, tanto as físicas como as jurídicas, são levadas, muitas vezes de forma inconsciente, a transformar seus custos variáveis em fixos para ampliar as suas margens de ganho, que é a diferença entre o que entra e o que sai de dinheiro. Exemplo disso é um aluguel ou o arrendamento de um veículo. Quando a “prestação da casa própria” é menor que o aluguel, compra-se a casa ou a loja; quando a prestação do carro é menor que o aluguel, compra-se o carro ou um caminhão para fazer as entregas. Em período de calmaria a solução é perfeita, mas em período de crise pode ser um risco desnecessário, pois assume-se um compromisso “fixo” de longo prazo. Explicando: se o caminhão é alugado e o volume de vendas cai em um determinado período, o lojista não precisa “pagar” o frete, mas se o caminhão é de sua propriedade, ele precisa pagar a prestação para o banco, “havendo ou não frete para ser feito”! O mesmo vale para a “casa própria”! Quando falta dinheiro para o aluguel posso escolher outra alternativa, mas se é “casa própria” financiada em 20 ou em 30 anos e não forem pagas em prestações seguidas, então “perco tudo”, o que não é uma alternativa inteligente. Retomando: aluguel pode ser um custo variável, mas prestação de “casa e carro próprio” é sempre um custo fixo de longo prazo, logo um grande risco! Transformar custos fixos em custos variáveis faz com que os indivíduos e as empresas possam se adaptar com mais facilidade as variações de demanda, inevitáveis em períodos de crise econômicas-políticas!

Quanto à alavancagem financeira, a solução é simples: só pegue dinheiro emprestado quando a sua capacidade de gerar resultado (lucro) for maior que o juro a ser pago. Outro detalhe: dinheiro emprestado para investimento é uma coisa, dinheiro emprestado para cobrir gastos é outra coisa bem diferente!

O Estado quebrou em função que se endividou para pagar salário, despesas correntes, verbas de representação,... não para construir estradas! Se o dinheiro do Estado tivesse “sido bem empregado” ele geraria renda em períodos posteriores, o que não foi o caso! Ora, se não se pode fazer o que nossos gestores públicos fazem há 40 anos pois sabe-se como essa história acaba!